

MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO: entrevista da cantora Anitta¹

João Paulo Nascimento Souza PENNAFORT²

José Raimundo da Silva KOGA³

Paulo Vitor Giraldo PIRES⁴

Universidade Federal do Amapá, UNIFAP

RESUMO

Este artigo analisa a abordagem midiática da entrevista jornalística da cantora Anitta, ocorrida na 4ª Brazil Conference at Harvard & MIT. Questiona-se, via cultura da convergência, como a mídia debate o gênero musical funk? Em face a visão defendida por Henry Jenkins (2009) de que o fluxo de conteúdo midiático é um mediador da participação ativa do público consumidor. Supõe-se que algumas conotações negativas apresentadas em diversos produtos midiáticos acerca do gênero musical em estudo por vezes deturpam ou desviam a reflexão da sociedade quanto ao discurso de demandas sociais expostas nas letras de funk. Propõe-se com este, analisar como a mídia aborda o funk e qual discurso há por trás dessa abordagem. Espera-se, pela cultura da convergência, o entendimento desse movimento cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Anitta; Funk; Música; Cultura da Convergência; Entrevista Jornalística

1. Introdução

A cantora brasileira Larissa Macedo Machado, conhecida artisticamente como Anitta, foi convidada para palestrar na 4ª *Brazil Conference at Harvard & MIT*, com o tema "Ação que transforma". Anitta foi entrevistada no primeiro dia da conferência, em 06 de abril de 2018. O evento é anual e acontece desde 2015, ele é organizado pela comunidade brasileira de estudantes na região de Boston-EUA. Onde ocorre em duas universidades que dão nome à conferência, Universidade de Harvard e Massachusetts Institute of Technology, com a finalidade de promover o debate entre líderes e representantes da diversidade nacional e internacional, sobre variados temas envolvendo o Brasil⁵.

¹ Trabalho apresentado no GT 3 – Análise de mídia, gestão e estratégias comunicacionais do II Comertec Jr., realizado em 14 a 16 de junho de 2018, na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)

² Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: jppennafort@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: jrskoga@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, e-mail: paulogiraldi2@gmail.com

⁵ BRAZIL CONFERENCE AT HARVARD & MIT-BCAM. 4ª, Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos. Ação que transforma. 2018.

A conferência foi pensada em 2014 por estudantes brasileiros de graduação, representando um movimento, que queria levar para Boston brasileiros que pudessem discutir os problemas e o futuro do país. Com a solicitação de brasileiros da Harvard Kennedy School, decidiram criar então a Brazil Conference, que poderia contar também com a participação de alunos de mestrado e doutorado. O que nasceu como um pequeno evento para comemorar os 30 anos da Democracia do Brasil, já foi chamado pela imprensa de "Davos Brasileira".

Provavelmente a funkeira deve ter sido convidada porque já recebeu álbum triplo de ouro e duplo de platina no Brasil, por se manter no topo das músicas mais ouvidas pelo *iTunes Brasil* e ser eleita "A artista do Ano", além de ser eleita pela Associação Paulista de Críticos e Artes – APCA, como a revelação do ano na música, em 2013. Ainda, ganhou o prêmio *EMA Worldwine Act Latin America*. Já foi considerada pela revista francesa *Paris Match*, como "A rainha do pop". Nos anos de 2016 e 2017 foi premiada pela *MTV Europe Music Awards*⁶.

Anitta foi convidada para falar, na conferência de 2018, sobre a música como instrumento de transformação, a artista brasileira tinha como plateia estudantes, representantes políticos e do empresariado. A cantora falou de sua infância e do início da carreira em bailes funk. Esclareceu que artistas de funk cantam o que vivenciam cotidianamente nas favelas. Narrou sua estratégia comercial e mercadológica para atingir o público nacional e internacional. Fez uma crítica política e social sobre a educação como principal necessidade do Brasil, para que resultados a longo prazo possam ser obtidos⁷.

Apesar da existência de uma variedade de artistas e/ou intelectuais brasileiros, houve uma repercussão crítica questionando sobre o fato de uma cantora funkeira, ter sido convidada para participar da conferência de Harvard⁸. Talvez pelo fato, de que o principal gênero musical da entrevistada é comumente relacionado a uma suposta "baixa cultura", por ser considerado apologia ao crime, exposição do corpo e a constante evidência, por parte da mídia, de uma ligação entre funk e criminalidade nas

⁶ Biografia da Anitta. Disponível em: <http://centralanitta.com/biografia>. Acesso em 07/04/2018 às 22:44.

⁷ MACHADO, L. M. Music as an instrument for transformation: entrevista. [6 de abril, 2018]. Cambridge: *Brazil Conference at Harvard & MIT*. Entrevista concedida a Larissa Maranhão.

⁸ VILLA, M. A. **Anitta em Harvard? Mais uma da elite rastaquera brasileira**. Jovem Pan, O Globo, 13 fev. 2018. Disponível em: <http://www.blogdovilla.com.br/o-globo/anitta-em-harvard-mais-uma-da-elite-rastaquera-brasileira>. Acesso em: 08/04/2018, às 16:33.

favelas, associando o funk com o “excluído”, o “marginal” e o “ilícito” na cultura brasileira.

Aqueles que estigmatizam o funk, poderiam ao menos observar que há uma mensagem por trás disso tudo, há um contexto social. Mesmo quebrando regras e padrões morais, o gênero musical exhibe letras que provocam reflexões. Letras estas, que, muitas vezes, são criadas por pessoas alheias a belos roteiros turísticos e culturais, as quais provavelmente devem estar descrevendo aquilo que vivenciam em seu cotidiano, como violência, drogas e erotismo.

Algumas conotações negativas apresentadas em diversos produtos midiáticos acerca do gênero musical em estudo, por vezes deturpam ou desviam a reflexão da sociedade quanto ao discurso de demandas sociais expostas nas letras de funk. Vale ressaltar que a mídia tem um papel fundamental no reconhecimento e expansão desse movimento cultural. Pois ela propulsiona a cadeia produtiva do seguimento musical, que mesmo em meio a um forte preconceito, o gênero funk existe e é visível tanto ao público consumidor quanto ao crítico. Por sua capacidade de legitimar demandas sociais e construir o sentido de pertencer a uma comunidade, servindo também como território de disputas em torno da hegemonia cultural.

O produto jornalístico analisado foi extraído da mídia social *Youtube*, o vídeo foi publicado na categoria entretenimento. Trata-se de uma entrevista jornalística, com duração de 1 hora, 44 minutos e 7 segundos, de uma cantora de funk entrevistada por uma egressa da Universidade de Harvard. A análise foi realizada a partir do entendimento de que o fluxo de conteúdo, por meio de múltiplos suportes midiáticos torna-se mediador para que as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais tenham a participação ativa do público consumidor, visão conceitual defendida pelo autor Henry Jenkins (2009).

No ensejo, questiona-se por que a cantora Anitta foi convidada para falar sobre a música como instrumento de transformação? Como a mídia debate, na cultura da convergência, o gênero musical funk? Propõe-se com este objeto de estudo analisar como a mídia aborda o funk e qual discurso há por trás dessa abordagem.

2. Cultura da Convergência

A compreensão do conceito de cultura da convergência propicia avanços quanto ao modo de consumo, desafio mercadológico e impulsiona novas possibilidades

técnicas e modos de produção. Defendida por Jenkins (2009), a convergência cultural é conceituada como:

O fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 29).

A partir dessas transformações, o impacto é tão grandioso que toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia (JENKINS, 2009, p. 29). Ganha-se um ambiente em que há uma forte participação da cultura de massa, há um compartilhamento tanto por parte das instâncias produtoras, quanto das receptoras, o que Jenkins delinea como:

A convergência, como podemos ver, é tanto um processo corporativo, de cima para baixo, quanto um processo de consumidor, de baixo para cima. A convergência corporativa coexiste com a convergência alternativa. Empresas midiáticas estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo midiático pelos canais de distribuição para aumentar as oportunidades de lucros, ampliar mercados e consolidar seus compromissos com o público. Consumidores estão aprendendo a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores (JENKINS, 2009, p. 46).

Na era da convergência “o consumo tornou-se um processo coletivo” (JENKINS, 2009, p. 30). Tal prerrogativa recai exatamente sobre como a mídia debate o gênero musical funk. É em torno do discurso da abordagem midiática sobre o funk que se possibilita um amplo debate quanto a mudança de paradigmas, preconceito, exclusão social e principalmente como uma ferramenta de notoriedade dos atores sociais do funk.

2.1 Cultura Midiática do Funk

Antes de falar sobre a cultura midiática do funk, é importante resgatar a história do gênero. O funk em sua origem deriva da *soul music*, que é o resultado da mistura do *rhythm and blues* _ músicas de artistas predominantemente negros _ e da música gospel. O termo funk era associado ao sexo, pois tratava-se de uma gíria de negros

americanos para descrever o cheiro do corpo em relações sexuais. Todavia, em 1968, a expressão 'funky' perdeu seu estigma pejorativo, tornando-se algo como orgulho negro (MEDEIROS, 2006, p.13).

No Brasil o funk surgiu no final de 1970, na periferia carioca, sobretudo em bairros da zona Sul do Rio de Janeiro, bairros de classe média e classe média alta (FACINA, 2009, p. 2). A migração para o subúrbio se deu pelas equipes de som que possuíam aparelhagens e organizavam os bailes na época. Foi, então, que o gênero musical se firmou nas periferias e ganhou outros elementos culturais, surgindo os bailes de comunidade, com frequentadores assíduos. Porém, na metade da década dos anos 70, os bailes foram proibidos pela ditadura militar por reunirem grande quantidade de negros, e assim, levantarem a suspeita de ser um movimento social, foi, então que surgiu um movimento cultural de afirmação da identidade negra chamado pela imprensa de Black Rio ou bailes black (VIANA, 1987, p. 58). Aos poucos os bailes ganharam o gosto da juventude pobre dos morros e se tornaram o principal espaço de sociabilidade e manifestação cultural (PIRES *et al.*, 2016).

Todavia, nos anos de 1990, o principal divertimento da juventude pobre carioca ganhou notoriedade midiática, pelas tristes chacinas da Candelária e de Vigário Geral, por arrastões ocorridos no Arpoador e em outras praias da Zona Sul do Rio de Janeiro, que foram apresentados, pelas criações midiáticas, como assaltos realizados por bandos de funkeiros favelados (FACINA, 2009, p. 4). Mesmo com todas as tentativas de repressão, no decorrer da década de 1990, o funk já era tocado em várias emissoras de rádio e passou a ter exposição em grandes veículos de comunicação, como o programa da Xuxa na Rede Globo (discotecado por DJ Marlboro por 4 anos) que popularizou e difundiu o ritmo fora do âmbito da favela (BESCHIZZA, 2014, p. 11).

A mídia se divide em promoção do funk e na conotação negativa que os bailes estão associados. O evento de Harvard, mostra claramente, por meio da fala da Anitta, que há uma mobilização por partes dos profissionais envolvidos na cadeia produtiva do gênero, que gera renda para muitas pessoas e que isso deve ser levado em consideração, mesmo em meio a falta de oportunidades essas pessoas almejam por ascensão social.

3 Discurso Midiático do Funk

Comumente associado à promoção do uso e comercialização de drogas ilícitas, ao estímulo à violência, a vulgarização do sexo e a problema de saúde pública. O funk é

temática dos principais produtos jornalísticos do país, quiçá do mundo. Notícias como a submissão de projetos de leis são objeto de amplas discussões, matérias policiais descrevendo inúmeras ocorrências em bailes funks, sexo promíscuo sem o uso de preservativos ou ainda relacionados a adolescentes e crianças são frequentemente divulgados. Ora, a mídia constrói a realidade com valores (GUARESCHI, BIZ; 2005, p. 172), se ela diz que os bailes funks são uma ameaça esta será a opinião pública sobre os bailes. Porém, é salutar lembrar que existe um ator social nos bailes funks. Pessoas que vivem em um ambiente marcado pela carência, violência, tráfico de drogas, redução de oportunidades, características essas resultantes da pobreza e desigualdade social (DA COSTA NUNES, 2007, p. 2).

Jenkins (2009, p. 314) fala que cada vez mais, grupos ligados à comunidade do entretenimento estão usando sua visibilidade e influência para incentivar os jovens a uma maior participação no processo político. Tanto é verdade, que as próprias letras do gênero entoam a realidade da periferia, quando protestam contra a injustiça e a desigualdade social, demonstrando assim um cunho de cidadania (FACINA, 2009, p. 3).

O funk é um lugar de discursos, nele questionam-se, por exemplo, espaços de vivência e sociabilidade dentro e fora das favelas (COSTA, 2016). Como já diziam os MC's⁹ Cidinho e Doca (SILVA; PEIZOTO, 1990):

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu sinto medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
Eu faço uma oração para uma santa protetora
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
O pobre é humilhado, esculachado na favela
Já não aguento mais essa onda de violência
Só peço a autoridade um pouco mais de competência
Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci,
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
(SILVA; PEIZOTO, 1990)

Na letra da música, os cantores cobram direitos fundamentais de cidadania como segurança pública, lazer, apontam a desigualdade social como justificativa para deficiências básicas dos moradores das favelas, os MC's incitam o povo a reconhecer

⁹ O cantor de funk no Brasil usa a sigla MC antes de seu nome, que significa Mestre de Cerimônia

sua força. Por isso, diversos funk's discursam o cotidiano das favelas, assim, as letras dão voz à comunidade, que relaciona e expressa seus problemas para o conhecimento da sociedade em geral (FREIRE, 2011, p. 8).

4 Cobertura Midiática do Funk

Como esta análise partiu de uma entrevista da *Brazil Conference*, observa-se que os fóruns de debates ocorridos no evento são um espaço de reflexão, com uma pluralidade de temas, desde a busca pela recuperação econômica a avanços nas áreas sociais do Brasil.

Na emergência do movimento cultural do funk, amplamente conhecido e comentado, não só pela sociedade brasileira, mas também pelo mundo afora (ARRUDA *et al.*, p. 408), o gênero musical ganhou notoriedade na conferência pela participação de uma cantora funkeira. Se acompanhar o estilo musical, por alguns minutos, é possível ouvi-lo na mídia televisiva, em programas variados e peças publicitárias, no rádio, em lojas e em ambientes de entretenimento. Apesar deste aparente livre gosto/consumo cultural, o funk perpassa por uma complexa relação de sociabilidade, na qual se destaca a construção da figura do funkeiro.

4.1 Convergência cultural

Os dias atuais inclinam às pessoas a reivindicar o direito de participar da cultura, sob suas próprias condições, quando e onde desejarem (JENKINS, 2009, p. 247). Entretanto, para que isso ocorra, há uma série de batalhas para preservar e expandir o direito à participação. A voz dos descontentes moradores de favelas representadas em manifestações artísticas como o funk, revela há quase 50 anos as precárias condições de vida, mesmo que para garantir a atenção do público, recorram a produção de conteúdo audiovisual irreverente, o que vale mesmo é a notoriedade de uma população que exige e clama por seus direitos.

Mas a diferença, na atual conjuntura política brasileira, deveria ser maciçamente deflagrada nas urnas. Pois, é através do voto que o povo praticamente 'fala' unissonamente, protesta, recusa, demonstra com nitidez sua insatisfação, sua desobediência-inclusive no ato significativo do seu silêncio (MARCONDES FILHO, 2009, p. 171). O funk, segundo Anitta afirmou na palestra, vem de um povo de favela, um povo desacreditado de muitos dos seus ideais de vida. Por isso ela continua:

É muito difícil pra você que nasceu naquela realidade, você cantar sobre coisas lindas: o 'barquinho vai a tardinha cai'. Você nem tá vendo isso. O funkeiro canta, a realidade dele. Então se ele acorda abre a janela e vê gente armada, vê gente se drogando, se ele vê pessoas se prostituindo. É a realidade dele. Acaba que, aquilo é supernormal. Porque tem coisas que você não sabe, são da cultura de quem não tem as coisas. E não tem como a pessoa que, não teve, nem acesso a aprender outras coisas, você cantar sobre coisas diferentes, entende? Você vai acabar cantando sobre aquela realidade. Pra você mudar o contexto da letra que tá no funk, você tem que mudar o contexto da realidade de quem tá nascendo, ali naquela área, que faz o funk (MACHADO, 2018).

Contudo, na cultura da convergência, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos (JENKINS, 2009, p. 45). Assim, quanto mais propagado e difundido o funk, à medida que denunciam a violência, o tráfico de drogas, a prostituição, terão em seus consumidores veículos porta-vozes de formação de opinião e desconstrução da imagem negativa do funkeiro, bem como aliados na proposição de medidas que garantam melhores condições de vida para aquela população.

4.2 Negatividade da sociedade em favor da positividade

Em tempos remotos o funk era tratado como um estilo de música referente a pessoas socialmente excluídas: 'pivetes', 'favelados' e outras denominações ligadas à 'marginalidade' (ARRUDA *et al.*, p. 408). Durante a entrevista a Anitta afirmou:

Eu era black list de vários eventos, era barrada em várias situações, era rejeitada em revistas, jornais e em muitas coisas, porque eu fazia funk. E então, ninguém queria atrelar a minha imagem ou tirar uma foto comigo, porque estava atrelando a imagem a uma coisa pobre, a uma coisa ruim, de baixo nível segundo eles (MACHADO, 2018).

Em parte, o funk nasceu em comunidade de favela, a mídia não daria ênfase para este gênero, porém os instrumentos tecnológicos e a comunicação digital chegaram ao alcance deste público que por ventura passaram a aperfeiçoar e desenvolver com mais qualidade o gênero. Se de fato, o estilo musical desponta no ranking de mais tocado/assistido/ouvido, como consequência lógica, pode-se afirmar que o funk enquanto movimento social, ganha força suficiente para transpor barreiras e polarizar o ritmo em favor da comunidade para que cobre do Estado políticas públicas.

5. Considerações finais

Incontestavelmente, a música transformou a vida da cantora Anitta. Ela, que se apresenta de maneira irreverente, tem em seus clipes a participação de pessoas comuns, como empregadas domésticas, moto-táxis, garçonetes e que se mostra orgulhosa de sua ascensão profissional pelo fato de ter sido criada na favela. Ela é um reflexo de muitos brasileiros, os quais chegam ao sucesso graças a muito trabalho e dedicação.

A cultura da convergência é uma aliada para que muitos brasileiros sejam representados em manifestações artísticas como o funk, para que se revelem as verdadeiras deficiências socioeconômicas e se cobrem melhorias de vida ao poder público.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Angela *et al.* De pivete a funqueiro: genealogia de uma alteridade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 407-425, 2013.

BESCHIZZA, Christian Barcelos Carvalho Lima. Uma Introdução ao Funk Carioca: Trajetória Inicial e um Guia Bibliográfico para Futuras Pesquisas. **Sistema Eletrônico De Editoração de Revistas** – Universidade Federal de Uberlândia, Feb. 2014.

COSTA, Natália Cristine. As funkeiras, o funk e um discurso que só elas podem fazer. **XVI Encontro Estadual de História da ANPUH**, 2016.

DA COSTA NUNES, Antonio Carlos; TEMÁTICAS, Sessões. Juventude e Cidadania: um estudo sobre jovens do Movimento Funk na Comunidade Beira Linha, em Belo Horizonte. **O XIV Encontro Nacional da ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social**, 2007.

FACINA, Adriana. Não me bate doutor?": funk e criminalização da pobreza. V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador. **Anais do V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2009.

FREIRE, Libny Silva. O endereço dos bailes: o funk como representação cultural carioca. **Fundação Biblioteca Nacional**. Ministério da Cultura. Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, 2011.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia & democracia**. Evangraf, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MACHADO, L. M. Music as an instrument for transformation: entrevista. [6 de abril, 2018]. Cambridge: **Brazil Conference at Harvard & MIT**. Entrevista concedida a Larissa Maranhão.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões.** Paulus, 2009.

MEDEIROS, Janaína. **Funk Carioca: crime ou cultura?** São Paulo: **Terceiro Nome**, 2006.

PIRES, João Augusto Neves *et al.* **Cultura funk e subjetividades consumistas: sensibilidades da juventude no fluxo das periferias brasileiras.** 2016.

SILVA, Sidney (MC Cidinho); PEIZOTO, Marcos Paulo de Jesus (MC Doca). **Rap da Felicidade.** 1990. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidinho_%26_Doca. Acesso em 21 de maio de 2018.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1988. 108 f.